

## Em Plena Pandemia do Corona Vírus, o Assassinato da Dona Sebastiana

Manoel de Souza Ramos

**Resumo:** O presente artigo irá apresentar uma narrativa sobre um caso de feminicídio ocorrido em uma comunidade pesqueira no nordeste do Estado do Pará, no Dia Internacional da Mulher, em plena pandemia do corona vírus. Desde os tempos mais remotos, a mulher é tida como um ser inferior, em relação ao homem, ao varão. O machismo, o patriarcalismo que causa a maior violência, sexual, física e psicológica contra o gênero feminino, havia se escondido durante os governos do Partido dos Trabalhadores, quando as mulheres eram tratadas com mais igualdade e respeito, voltou com seu poder destrutivo nos governos posteriores, ajudado desde 2020 por uma pandemia. Diante da atual conjuntura política, após a eleição que deu posse ao atual presidente (2018-2022), as mulheres passam a ter novamente seus direitos violados. Durante a pandemia do corona vírus, tem se intensificado os casos de feminicídio no Brasil.

**Palavras Chave:** Pandemia. Feminicídio. Machismo. Violência. Gênero.

**Resumen:** Este es un artículo de ficción, que intenta contribuir a nuestra reflexión crítica sobre la violencia contra las mujeres. Recrea un episodio de feminicidio ocurrido en una comunidad de pescadores en el noreste del estado de Pará, en medio de la pandemia del coronavirus y, precisamente, en el Día Internacional de la Mujer. Desde los tiempos más remotos, las mujeres han sufrido las violentas consecuencias del patriarcado. En Brasil, durante los gobiernos progresistas de la década de 2000 hasta mediados de la década siguiente, la faceta más agresiva de esta violencia había dado paso a importantes conquistas de las mujeres, en el sentido de mayor igualitarismo y respeto. Sin embargo, volvió con su poder destructivo en gobiernos posteriores, intensificado desde 2020 por una pandemia. Ante la coyuntura política actual, luego de la elección que inauguró al actual presidente (2018-2022), las mujeres nuevamente ven vulnerados sus derechos. Durante la pandemia, los casos de feminicidio se han intensificado en Brasil.

**Palabras Claves:** Pandemia. feminicidio. Chauvinismo. Violencia. Género.

**Abstract:** This is a fiction article. It aims to contribute to our critical reflection on violence against women. It recreates an episode of femicide that took place in a fishing community in the northeast of the state of Pará, during the corona virus pandemic and, precisely, on the International Women's Day, March 8. Since the most remote times, women have suffered violent consequences of the patriarchy. In Brazil, during the progressive governments that ruled from 2000s until the middle of the following decade, the most aggressive facet of this violence had given way to important achievements of women, in the sense of greater egalitarianism and respect. However, it returned with its destructive power in subsequent governments, and intensified since 2020 by the pandemic. In view of the current political situation, after the election of the current president (2018-2022), women see once again their rights violated. Indeed, during the pandemic, femicide has intensified in Brazil.

**Key-words:** Pandemic. Femicide. Chauvinism. Violence. Gender.

**Manoel de Souza Ramos** – Pescador, Graduado em Letras – Língua Portuguesa, Poeta, cordelista, Compositor, Membro efetivo da ALB – Academia de Letras do Brasil, Seccional de Bragança – Pá. Cadeira 19. Membro correspondente do CONCLAB – Confederação de Ciências, Letras e Artes do Brasil.

## INTRODUÇÃO

Até o presente, a história da humanidade foi predominantemente escrita por homens, seja na religião, na política, na educação e nos diversos organismos onde reina o poder do “macho”, embora haja um grande número de mulheres que fizeram ou fazem histórias dentro e fora de todas as organizações, tanto nacionais quanto mundiais, mas que a sociedade, movida pela hipocrisia do patriarcado, não deixa transparecer. A realidade da violência contra a mulher pode, em parte, ser interpretada como expressão dos conflitos entre as mobilizações em busca da emancipação das mulheres e o arraigado quadro cultural do patriarcado.

Inspirado nesse contexto, este conto trata de um feminicídio que teria ocorrido nestes meses de pandemia do corona vírus. Embora se trate de ficção, o caso tipifica uma série de questões envolvidas em eventos dessa natureza na atual conjuntura política do Brasil, em que parte considerável da sociedade tem se deixado levar – e mesmo se identificar – com as narrativas e visões de mundo expressas pelo Presidente Jair Bolsonaro e os grupos políticos que ele representa.

Quero deixar bem claro, antes de começar esse texto, que sou homem, amo a mulher estampada na figura da minha esposa, sou apaixonado por ela e minhas filhas e, por elas, amo a todas as mulheres, sem exceção ou distinção de raça ou cor. Sou pai de três filhos e tenho três netos, tenho centenas de amigos homossexuais, tanto masculinos quanto femininos, não tenho nada a ver com as escolhas sexuais de qualquer pessoa, tampouco com suas vidas, sou hétero, não homofóbico. Por isso, não apoio homem que trata a mulher com indiferença ou que a maltrata, ninguém é dono de ninguém, ninguém tem direitos sobre o corpo do outro.

### 1. O Contexto

A história das mulheres, suas lutas e conquistas no Brasil, nunca foram vistas com tanta preocupação como atualmente, pois essas conquistas se encontram sob ameaça de retrocesso. A partir de 2016, quando a democracia brasileira foi golpeada na cabeça, para dar poder a uma governança de extrema direita, com discurso misógino, conservador, racista, corrupta e elitista, as mulheres no Brasil têm presenciado momentos difíceis, que ferem suas almas e retiram direitos, elas que tanto lutaram para conquistá-los, ocasionando, muitas vezes, em perdas de vidas.

A pandemia de Covid-19 obrigou milhões de pessoas ao distanciamento social, fazendo com que casais ficassem mais tempo juntos, o que tem sido acompanhado, muitas vezes, ao crescimento no número de desentendimentos e brigas domésticas, seja por diferenças infinitas, naturais entre estes, ou pelo estresse causado pelo temor da doença, pela perda de renda ou emprego, pelo cansaço do não fazer nada. Enfim, nesse ambiente, os casos de feminicídio aumentaram no país.

A verdade é que muitos casais brigam mais neste tempo de pandemia, até por razões políticas e discordâncias pequenas ou grandes e, na maioria das vezes, quem paga o alto preço é a figura feminina. O espectro do patriarcado, que nunca desapareceu, ficara adormecido, relativamente escondido, acuado pela fera escondida no conhecimento dos menos favorecidos, quando governos anteriores ampliaram a oportunidade na educação pública aos povos que viviam à margem da sociedade. Oportunidade esta que encurrala a elite e a faz recuar diante deste saber/fazer. Ressaltam-se as faculdades públicas, cujo acesso deu às mulheres, inclusive de meios menos favorecidos, empoderamento e liberdade para se expressar.

Se, no Brasil, durante os governos do Partido dos Trabalhadores, e amedrontados pela lei Maria da Penha – que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher –, os machistas já cometiam seus crimes, e aconteciam casos de violência e feminicídio, com a chegada de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil em 2019, ganha projeção sua visão de mundo efetivamente machista e homofóbica. Seus discursos são conhecidos como carregados de ódio e desconhecimento sobre as opressões que atingem as mulheres. Emprega palavras obscenas quando deixa explícita sua cultura ou incultura de valores de “macho”, patriarcal, que oprime, ameaça e desvaloriza a figura feminina.

Com base em seus discursos, os casos envolvendo violência doméstica e familiar contra as mulheres começaram a aparecer mais frequentemente, do abismo da hipocrisia, nas diversas camadas sociais, durante a pandemia, impulsionados por uma narrativa política que dá abrigo a ódio e ao não reconhecimento dos valores da mulher.

Confira os termos frequentemente utilizados pelos brasileiros “machos” que ganharam voz no contexto atual da sociedade, em geral apoiadores do partido do presidente. Eis alguns exemplos desses termos: segundo a pesquisa *The patriarchal rooted in languages*, “*Como uma mulher tão bonita como você está solteira?*”. Como se fosse obrigatório a mulher aceitar casar-se ou namorar com qualquer um, apenas pelo fato de ser bonita, ou que as mulheres que não têm uma beleza que chegue ao padrão da estética valorizado pela sociedade machista fossem condenadas a viver solteiras, persistindo a velha visão da mulher solteira como infeliz, ou, ainda, que a opinião dos ditos machos sobre a estética feminina tivesse o poder de decidir seu *status*.

Outra frase muito comum quando acontece algum ato violento com uma mulher, atribuído à sua maneira de ser, vestir e viver é: “*Mulher tem que se dar ao respeito*”. Essa frase é muito utilizada quando se tenta transferir a culpa de uma ação para a vítima, principalmente na ocorrência de abuso, minimizando a responsabilidade de quem comete o crime. Além disso, esta afirmação significa que mulher que se preze tem de se portar e se vestir de certa maneira para ser respeitada por homens. Caso contrário, ela corre o risco de ser considerada vulgar e não digna de respeito – o que acaba justificando assédios e, no limite, até estupros.

Outra frase muito utilizada, agora para querer ensinar boas maneiras à menina é “*comporte-se como uma mocinha*”. Isso quer dizer que mocinhas são obedientes e, quando adultas, obedientes principalmente ao marido. Qualquer comportamento fora desse escopo não é adequado e deve ser condenado.

Já, quando dito por maridos e pais, isso é muito ruim para as mulheres. Mas muito pior é quando tais frases saem da boca daquele que devia dar exemplo de educação e respeito, por ser a autoridade máxima do país. Vejamos:

*Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade.* (Brasil, 2019)

*Ela não merece (ser estuprada) porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece.* (Bolsonaro, 2016)

*Ela queria um furo. Ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim.* (Bolsonaro, 2020)

Neste último evento, o presidente estava referindo-se à jornalista Patrícia Campos Mello. A frase machista e com conotação sexual repercutiu entre seus apoiadores, que partiram para as redes

sociais com agressões verbais ainda mais ofensivas à jornalista. E isso não atinge apenas jornalistas, mas toda mulher brasileira, pois aqueles que não tinham coragem de mostrar suas garras de “machos” ou que só o faziam às escondidas, por medo de serem presos e, lá na prisão, “virarem meninas”, agora encontram respaldo social.

Foi esse contexto que inspirou a escrita desse caso de feminicídio, que é situado em uma comunidade pesqueira no interior do município de Bragança, Nordeste do Estado do Pará. O caso ocorreu justamente no Dia Internacional da Mulher, no 08 de março de 2020, durante a pandemia de corona vírus.

## 2. Um Caso de Feminicídio na Remota Vila à Beira-Mar

O fato assustou a todos e se passou como exposto a seguir.

O sol havia nascido por cima dos manguezais. A maré crescida – águas grandes de lua, como se diz por aqui – começava a deixar marcas na areia. Dava sinal de que chegara a vazante, momento ideal para os pescadores desatarem as amarras dos barcos e saírem em direção ao mar alto, nas zonas apropriadas para a pesca da pescada-gó, espécie muito abundante na região e de bom valor nos mercados.

As mulheres que não tinham a obrigação de ir pescar, embora quase sempre dependam de um marido ou pai para manter suas necessidades, estavam preocupadas com outra coisa: a reunião da associação fundada por elas, onde iriam celebrar o dia internacional da mulher.

Algumas pessoas achavam melhor não ir pescar naquele dia, pois, durante o período de “águas grandes”, a correnteza da maré fica mais veloz e torna mais difícil a captura de peixes. Durante a vazante, iriam ao manguezal – ou mangal, como chamam – para pegar caranguejos.

Para pescar caranguejos, era preciso tomar os devidos cuidados para não serem pegos pelos fiscais da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, da qual a vila faz parte, já que, naquele dia, os caranguejos começavam a se perder, durante o período da andata ou souatá, tempo em que é proibida por lei sua captura<sup>1</sup>. Considera-se que, a cada ano, o período reprodutivo da espécie acontece no período chuvoso, mas em datas diferentes, uma vez que a andata depende de marés e fases da lua. Teoricamente, sabemos que este é o período do acasalamento e reprodução da espécie, o que deixa os caranguejos mais vulneráveis aos predadores. Mas, por aqui, as pessoas já conseguem entender e, por isso, só pegar o essencial para o almoço, o que, segundo as leis, não pode ultrapassar trinta unidades. No caso do tirador profissional, a quantidade permitida é de cinquenta unidades, de acordo com o plano de utilização da Reserva.

A vida das famílias seguia normalmente a rotina. As escolas estavam fechadas por conta do risco de infecção pelo corona vírus. As notícias nos jornais traziam sempre a preocupação. A falta de medidas eficazes de proteção por parte do governo, a vacina permanecendo até então uma incógnita, contribuíam para o medo presente na vila. Além, é claro, das palavras de desprezo pelas vítimas por parte do Presidente do país, o que impactava nas famílias na localidade.

O isolamento se fazia necessário para tentar conter a proliferação da doença, mas, em uma comunidade de pescadores como aquela, medidas de isolamento social não funcionam muito, as

<sup>1</sup> A Instrução Normativa Interministerial nº 1/2013 do Ministério da Aquicultura e Pesca e do Ministério do Meio Ambiente define os períodos de proteção à “andada” do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) nos estados do nordeste do Brasil e no Pará. Trata-se justamente do período de reprodução da espécie.

peças ainda se reúnem, mesmo sabendo do risco, nas igrejas, nos campinhos de futebol, nos barcos enquanto estão descarregando o produto da pesca e em outros locais de livre acesso para eles.

Naquela manhã, as mulheres chegavam e se dirigiam ao centro comunitário, uma casa simples de madeira situada ao lado da igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira local, esperando pela sua líder, para dar início às manifestações do movimento que, na verdade, não passava de uma reunião para poucas pessoas onde iriam discutir suas realidades, de acordo com outras lideranças femininas ou feministas do mundo lá de fora, naquele dia tão especial para elas, o 8 de março.

Tudo estava pronto para a comemoração do Dia da Mulher, naquela comunidade de pescadores artesanais. As integrantes do movimento, que não chegavam a trinta, vinte e cinco no máximo, mas todas bem informadas sobre a causa pela qual estavam reunidas, seguindo as regras de distanciamento, com máscaras e álcool em gel à disposição.

Suas lutas e conquistas estavam sempre vinculadas a outras ao redor do mundo, pois sua liderança local, apesar de ser jovem e viver naqueles confins de mundo, onde tudo é nitidamente limitado, inclusive a informação, estudou Ciências Sociais na capital e sempre buscou apoio dos demais meios de comunicação. Além disso, tinha contatos com outras lideranças, nacionais e internacionais, e sempre que viajava para participar de algum evento, trazia novidades para o seu povo, em especial para as mulheres, por quem lutava tanto.

Mal havia começado a reunião das mulheres, ouviu-se o primeiro disparo seguido de gritos de horror e, em seguida, dois outros, ao que todas pararam para escutar. Avisada do que estava acontecendo, a jovem líder interrompe o discurso e pede a todas que não saiam da casa e que tomem cuidado para não serem atingidas pelos projéteis, sem saber que o que se daria em seguida era de assombrar até o mais valente dos homens da vila.

### **3. Tiros no Dia do Aniversário**

A uns cem metros do centro comunitário, em uma das casas mais antigas naquele pequeno vilarejo de pescadores, além da comemoração do Dia da Mulher, as filhas estavam preparando bolos, doces e salgados, pois, justamente naquele 8 de março de 2020, em plena pandemia da covid-19, seria comemorado também o aniversário de 60 anos da matriarca da família, dona Sebastiana, “Dona Bastica” para os íntimos.

Era uma festinha só para os filhos e parentes mais próximos, tomando as devidas precauções para que não houvesse aglomeração, a fim de que não aumentasse o risco de contágio, haja vista que alguns casos já haviam surgido nas imediações e a aniversariante era do grupo de risco.

O que ninguém imaginava era que o pior dos vírus, para o qual não existe vacina capaz de prevenir ou curar, estava tão próximo, tão dentro de casa, despercebido. Ao contrário da Covid, que a gente precisa usar máscaras para se proteger, aquele outro vírus está protegido atrás de uma máscara chamada machismo.

Dona Sebastiana Pereira de Sousa, 60 anos, havia estudado pouco, até o quarto ano primário. Passara a infância pobre com os pais catadores de frutos e pescadores artesanais ribeirinhos e se casou ainda adolescente, com 17 anos, com o primeiro e único amor de sua vida. Não conhecia muito do mundo fora da comunidade, na qual pescadas-gós e peixes-pedras permeiam o cotidiano.

Havia ido poucas vezes à cidade quando mais jovem. Muitas destas idas foram para dar à luz os nove filhos e, agora que chegara ao sexagésimo aniversário, não tinha tempo para quase nada.

As idas mais recentes à cidade eram sempre viagens apressadas, quando tinha que fazer algum tratamento de saúde ou resolver alguma questão relacionada à sua aposentadoria.

Seu João da Silva, 62 anos, homem tido como íntegro, honesto, não devia nada a ninguém, dono de muitos bens, era visto como um exemplo de pai e de ser humano pelos amigos e parentes. O único defeito era alguma arrogância, pois gostava de se mostrar superior aos outros. Mas, tirando isso, era uma pessoa vista com tantas qualidades que ninguém era capaz de imaginar que fosse capaz de fazer o que fez.

Na pequena vila de pescadores, não existia ninguém com mais posses do que o senhor João, para os íntimos “o rei da pescada”. A alcunha devia-se às tantas vezes, no passado, que capturara essa espécie em grandes quantidades – nas comunidades pesqueiras é sempre assim, se o pescador “mata muito peixe” seguidas vezes, torna-se “o rei” daquela espécie.

A pesca da pescada amarela, peixe muito valorizado pela saborosa carne e, também, pela bexiga natatória, também conhecida por grude, tem um valor inestimável para os pescadores. Ela possibilitou ao Seu João adquirir mais de uma embarcação pesqueira e ainda lhe deu a chance de realizar um sonho, mandar uma de suas filhas à capital para que cursasse uma faculdade.

Para além das muitas posses, o Senhor João tinha uma característica que ninguém conhecia, nem mesmo os nove filhos com Dona “Bastica”. Sempre que bebia, ele se tornava agressivo. Isso acontecia desde que eram jovens, muitas vezes batia em Dona Sebastiana e ela sempre disfarçava bem para que ninguém soubesse o que acontecia em sua vida conjugal.

Algumas vezes, foi questionada por algum filho ou parente, sobre um machucado ou mancha arroxeadada pelo corpo, mas sempre tinha uma desculpa para dar e, assim, ninguém desconfiava que aqueles mais de quarenta anos de casamento fossem regados por brigas e agressões.

O Senhor João sempre gostou de andar armado. No princípio, durante os governos militares, portar uma arma de fogo era difícil, mas só era preciso ter dinheiro para comprar. Pós-democratização, especialmente durante os governos do Partido dos Trabalhadores, ficou mais difícil adquirir arma. A Lei 10.826, de 22 de dezembro de 2003, conhecida como **Estatuto do Desarmamento**, entrou em vigor no dia seguinte à sanção do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, quando foi publicada no Diário Oficial da União. O principal objetivo do Estatuto do Desarmamento foi regulamentar o porte e a posse de armas de fogo por civis, de modo a reduzir as mortes ocasionadas por arma de fogo.

Além disso, nesse novo contexto político, em geral, não se pensava em guerra e se acreditava que o livro, a educação e a cultura eram armas mais significantes na revolução contra o pensamento político autoritário e opressor, herdado dos governos passados e idolatrado por parte da elite brasileira, que achava que tudo se resolvia na bala.

Com o passar do tempo, Seu João pôde acumular uma razoável fortuna. Já no governo Bolsonaro no Brasil, quando a acefalia aliada à falta de educação e conhecimento elegeu a irresponsabilidade e incapacidade de raciocinar como a principal figura da inculta mitologia do país, um revólver passou a ser mais importante que um quilo de farinha. Foi então que, na sua comunidade, o Sr. João uniu o que ele achava ser útil ao agradável, ou seja, orgulhou-se de sua pistola 380, que ele havia comprado de um vendedor de mortes qualquer.

#### 4. O Desfecho da Festa de Aniversário

Eis que, naquela manhã, por volta das 9 horas, o “rei da pescada” foi ao comércio tomar sua costumeira cerveja gelada para “espantar os maus olhos”, como dizia sempre.

– *Pega uma lá do fundo do poço pra mim, deixa abrir o apetite!* – Disse ele.

Todo aquele que gosta de ingerir bebida alcoólica tem uma maneira de justificar a vontade. Uns dizem que é para abrir o apetite, outros, que é para abrandar o calor, o frio, tirar a ressaca, o estresse, enfim, e aquele homem fazia exatamente isso, como de hábito. Enquanto isso, se organizavam as coisas em sua casa para o aniversário da esposa.

Enquanto tomava uma lata de cerveja em apenas dois goles, assistia a televisão, onde se falava sobre as comemorações do Dia Internacional da Mulher, no Brasil e no mundo, assunto pelo qual não tinha qualquer apreço. Ele era mesmo admirador ferrenho da política atual. Aliás, servira o Exército quando jovem e achava que isto o fazia melhor que os outros.

Além disso, fora criado num tempo em que o poder patriarcal predominava na casa dos pais. Apesar disso, quando eram mostradas manifestações de mulheres ao redor do mundo, Seu João falava todo orgulhoso da filha formada, que havia chegado da capital recentemente para comandar a Associação de Mulheres da vila. Falava da luta que teve para educá-la na capital, como fora difícil, os custos para mantê-la longe dos seus olhos e coisas do tipo.

– *Minha filha só me dá orgulho* – dizia – *Ela é a realização do meu sonho, posso dizer que tenho uma filha formada na capital, numa das melhores universidades do país!*

E continuou:

– *A única coisa que não concordo com ela, e que não pensava que fosse acontecer, é que parece que a universidade lhe fez diferente daquilo que eu gostaria. Dou razão para o governo quando diz que na universidade se aprende de tudo o que não agrada. Pra mim, a mulher tem que ser mulher mesmo. Trabalhar para cuidar da casa, do marido e dos filhos. Essa ideia de mulher querer ser igual ao homem, ter direitos iguais, não dá certo de jeito nenhum.*

– *Por que o senhor acha assim seu João?* – Perguntou o rapaz da mercearia. – *As mulheres com muita luta já descobriram seus direitos e conquistaram, tivemos recentemente até uma presidenta. Tudo isso para mostrar o valor da mulher.*

– *Meu filho* – disse amigavelmente o Senhor João – *a mulher tem que casar, pra ser mãe, esposa e dona de casa. Tem que obedecer ao marido porque é ele quem leva comida pra mesa. Essa história de feminismo, dia de mulher, de luta de classe não adianta nada. O presidente tá certo quando fala essas mesmas coisas.*

O rapaz, intrigado com aquelas palavras, tentou intervir;

– *Mas seu João, a mulher ser feminista, não quer dizer que não possa casar e ter filhos, o feminismo é um movimento que busca valorizar e fazer com que a mulher seja o que quiser, não fazer que ela deixe de ser o que é, nesse caso, feminina. Além disso, o que seria do mundo sem as mulheres?*

Essa conversa se estendeu até Seu João terminar de tomar a oitava lata de cerveja e pedir a conta. Antes de sair, um velho amigo entra no estabelecimento, ouve a conversa e fala assim.

– *Que coisa é isso que tu falas João? Você devia era agradecer mais a Deus por sua filha e deixar de ser ingrato e orgulhoso. Acho que essa moça nasceu do pai errado, ela é diferente de ti e de todos aqui deste lugar, não apenas em conhecimento, mas em tudo. Sabe-se lá se é tua filha mesmo, se não foi trocada no hospital?*

Seu João sabia exatamente que a jovem era sua filha, não havia possibilidade de ter sido trocada ou coisa parecida, mas as palavras do outro senhor foram a gota d’água para que aquele

homem, com alguns decigramas de álcool a mais no sangue, deixasse o recinto pensando que sua mulher o havia traído durante anos e que talvez não fosse ele o pai de sua mais estimada filha. Isso, apenas isso, fez mudar o seu comportamento que, até então, somente sua esposa conhecia, quando bebia, enquanto caminhava em direção à sua casa.

Chegou à casa, disfarçou sua figura agressiva para que ninguém notasse, entrou no quarto onde estava dona “Bastica”, trancou a porta, sentou ao lado da cama e perguntou-lhe:

– *Mulher, a Paulinha é minha filha ou tu andou me traindo no passado?*

A pobre senhora, que estava descansando o corpo sofrido pelos sessenta anos de luta e responsabilidades no lar, respondeu com outra pergunta:

– *De onde diabos tu já tirou essa ideia homem, tu sabe que fostes o único homem que conheci durante toda a minha vida! Que nunca te traí! Que sempre fui dona da tua casa e dos nossos filhos. Nunca pude fazer nada, nem estudar porque tu não deixaste. Não saio daqui pra lugar nenhum por que tu não deixas. Tu foste beber logo hoje que todos os nossos filhos estão em casa?*

O homem cheio de furor, fixando o olhar nos olhos daquela que durante a vida toda lhe dedicara amor, ainda que não fosse correspondida, retrucou:

– *É que uma conversa na venda me fez pensar que tu tiveste amantes no passado e essa menina, com esses pensamentos diferentes do meu, não podia mesmo ser minha filha!*

Depois de várias acusações, palavras de baixo calão, que deixaria qualquer um com medo, ele continuou: – *Mas eu acabo com essa vergonha agora!*

Dizendo isso sacou da arma e atirou em dona “Bastica”. Dois disparos, um no peito, outro na cabeça, acabaram com a mulher que suportara tudo na vida para ser fiel ao companheiro. Feito isso, Seu João, por embriaguez, medo ou covardia, típico de pessoa que acredita que uma arma resolve qualquer problema, encostou o cano da 380 na boca e puxou o gatilho, tirando também a própria vida, acabando com quarenta e tantos anos de um conturbado casamento, com a comemoração dos sessenta anos de Dona Sebastiana, a reunião das mulheres e o sossego na vila pesqueira.

Os filhos, que só descobriram a face oculta do pai naquele momento, arrombaram a porta para verem o cenário cruel que nunca poderiam imaginar. Dois corpos, duas vidas, três balas, duas histórias afogadas numa poça de sangue.

A jovem presidente da associação comunitária e líder do grupo de mulheres, mestre em Ciências Sociais, lutadora em favor dos direitos da mulher, acostumada a ler sobre casos de feminicídio em diferentes lugares do mundo, estava reunida com as companheiras de luta. Ao mesmo tempo, em sua casa, os irmãos esperavam para comemorar mais um aniversário da matriarca. Ao invés da alegria de dizer “feliz aniversário!!”, teve a triste missão de ter que ouvir “meus pêsames!”.

Desde aquele dia, mesmo com a impossibilidade de sair a campo, a estudiosa tem feito de tudo para pesquisar e descobrir as mudanças comportamentais do ser humano. Com toda a tristeza que carrega no coração, por ter presenciado tão grande tragédia familiar e que só no momento do acontecido foi capaz de perceber o quanto podia ter feito para evitar o desfecho trágico. Porque o pior vírus do planeta está invisível na mente do ser humano. É o machismo, o preconceito, o racismo, a falta de amor ao próximo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto o mundo inteiro assiste a um dos graves momentos da história, as lutas de classes se acirrando, tal qual tempestade em noite de escuridão, os discursos de ódio provocam desespero e dor aos menos favorecidos. No momento em que a disputa pelo mercado financeiro cada dia fica mais acirrada, países almejando granjear o poder econômico sobre outras nações do mundo, seguem com seus surtos ideológicos, causando pandemias virais que afetam material e psicologicamente a humanidade.

Estereótipos moldam o ser humano e dominam as classes sociais. O estigma do preconceito e do racismo, como um câncer devastador, permanece incurável causando dor e morte, discriminando o corpo e a alma. Por outro lado, a fome, invisível aos saciados olhos do mundo globalizado, tornou-se o maior dos males, provocando mortes, gritos e gemidos inaudíveis aos surdos ouvidos das sociedades abastadas. Em diversos países, a guerra, a destruição dos direitos do trabalho, a perseguição ao conhecimento, a desvalorização da educação, o massacre do ser humano, que luta protesta e resiste por seus direitos e por igualdade.

Em um tempo em que as pessoas não têm se preocupado com a veracidade dos fatos, a saúde e a educação deixaram de ser prioridade. A universidade pública, onde se faz pesquisas e descobertas de genomas de vírus, onde negros, pescadores, agricultores, índios, homens e mulheres, cis e trans, de mãos dadas, respeitando uns aos outros, a partir dos direitos de cada classe, favorecidos durante governos sensíveis a suas causas, mostram que a educação é a base de tudo. Ela deixou de ser, para os incultos, transmissora de conhecimentos e tornou-se balbúrdia.

A leitura de livros, onde podemos ter fontes concretas, onde os teóricos, estudiosos e pesquisadores têm sempre algo novo e de grande relevância social, deixou de ser importante para o povo, a opinião que prevalece é aquela dos que estão no poder. Nesse cenário, os casos de feminicídio têm causado momentos tristes em nosso país.

O que vemos ultimamente, durante o governo de Jair Bolsonaro, um político sem partido, um religioso sem religião e um “salvador” que ameaça o seu rebanho, é uma sociedade dividida em esquerdismo e direitismo, a maioria sem saber exatamente o que é, quem são e no que realmente acreditam. No disse me disse das redes sociais, aparecem Filósofos, Teólogos, Cientistas, Médicos e Educadores, falsos ou verdadeiros, propagadores de bons costumes.

O isolamento social consequente da pandemia, as narrativas de desprezo pela figura feminina e a incapacidade de dialogar amigavelmente, têm dado motivos para aqueles que não tinham a coragem de mostrar a sua cara, sair do funesto armário do machismo.

A pandemia causada do corona vírus tem afetado a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo. O confinamento social é uma solução para conter a proliferação da doença. Mas, em compensação, durante esse confinamento, tem se intensificado a violência de gênero. Em função desse confinamento, muitas mulheres têm vivido mais tempo ao lado de parceiros violentos que acham que têm o direito de exercer sobre elas controle, diante da sensação de maior impunidade provocada pelo isolamento e pelas manifestações antifeministas de grande parte da sociedade conservadora.

Como vimos na narrativa, Seu João não começou a ser agressivo neste momento de pandemia. Ao contrário, já era agressivo há muito. Podemos ressaltar, então, que o contexto da

violência contra as mulheres durante a pandemia tem se intensificado, mas não nasceu agora. Esse é, na verdade, um problema crônico histórico e estrutural. Cada dia estamos assistindo a um novo episódio, acirrado agora pelo contexto de isolamento e pelo relativo relaxamento das barreiras à expressão do machismo, exacerbado pelas forças conservadoras que assumiram o poder central no Brasil.

## REFERÊNCIAS

“BRASIL não pode ser país do mundo gay”, diz Bolsonaro. *TERRA*, 25 de Abril de 2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-diz-bolsonaro,e3fc1683369c71b5e887a6ed79493e4d68othtd.html>>

RAMALHO, Renan. Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada. *G1*, Brasília, 21 de junho de 2016. Política. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>>

SOARES, Ingrid. Bolsonaro, sobre repórter da Folha: “Ela queria dar um furo”; jornal reage. *CORREIO BRAZILIENSE*, Brasília, 18 de fevereiro de 2020. Política. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna\\_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml)>